

## **ROBERT KALLEY, O MISSIONÁRIO**

**Robert Kalley, the missionary**

*Rui A. Costa Oliveira \**

\* Licenciado e Mestre em Ciência das Religiões pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (Lisboa), é também Doutorado em Estudos de Cultura pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Foi membro fundador do OLR – Observatório para a Liberdade Religiosa e do IEAC-GO – Instituto de Estudos Avançados em Catolicismo e Globalização, e faz parte do corpo de investigadores do CICMER – Centro de Investigação em Cosmóvisões e Mundividências Religiosas e Espirituais da Universidade Lusófona e do CLEPUL – Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

O Dr. Robert Reid Kalley era tão-só um «irmão». Era a sua denominação pessoal de preferência e que usava no trato corrente, independentemente de pertença eclesial do seu interlocutor (correntemente, esta designação, no seio das igrejas protestantes/evangélicas, é reservada no trato, entre si, pelos membros das comunidades com a mesma prática religiosa). Não era, porém, assim que Kalley entendia o irmão autêntico, como é lembrado recorrentemente. A ele se atribui a seguinte afirmação: «*Eu não sou presbiteriano e nem estou em contacto com qualquer tipo de igreja – dizia ele – sou irmão de qualquer cristão, independentemente da sua denominação*».

E este era o traço característico do seu espírito solidário e humano já com indícios de uma postura de características ecuménicas, apesar de ainda estarmos longe do que seria o futuro movimento ecuménico.

Deve-se a este médico escocês a iniciativa de implantar uma comunidade protestante em território português – na ilha da Madeira, entre 1838 e 1846 – e, no Brasil, o estabelecimento da primeira igreja protestante com serviços religiosos em língua portuguesa, entre 1855 e 1876.

O Dr. Kalley nasceu em 1809, na Escócia. Entrou na Universidade de Glasgow aos 16 anos, onde se formou em Farmácia e Cirurgia, em 1829, e se doutorou em Medicina, em 1838.

Após um período de agnosticismo religioso, durante os tempos de Universidade, voltou à fé, tendo decidido entregar-se à missão na China.

A fragilidade da saúde de sua esposa, entendida como um risco para a missão, porém, custou-lhe, por parte da Sociedade Missionária de Londres, a recusa para ser enviado como seu missionário, pelo que o próprio Dr. Kalley assumiu, pessoalmente, o custo desse projeto.

### **A experiência da Madeira**

Alertado para esse risco, Kalley resolveu, então, procurar um lugar de clima temperado, onde ela pudesse retemperar-se. A ilha da Madeira, destino preferido

de muitos ingleses, foi o escolhido, e ali desembarcou em outubro de 1838. A realidade encontrada, o sossego, a afabilidade do povo e o clima acabaram por transformar o que seriam alguns meses de retempero da esposa, em 8 anos de intenso labor com tais consequências que lhe determinaram a vida de missionário.

Passada a adaptação, e perante o abandono sanitário em que viviam as populações e o seu atraso cultural, pouco a pouco o Dr. Kalley foi-se entregando à resolução dos problemas que o rodeavam: a pobreza, a promiscuidade, o alcoolismo, a iliteracia e a superstição. Em carta dirigida à Assembleia Livre da Escócia, justifica assim o adiamento da ida para a China:

«Acho estranho encontrar-me numa pequena ilha no meio do oceano, em vez de avançar para onde supus ser o campo da minha chamada cristã – o mais largo e mais extenso campo de serviço cristão. Contudo, posso dizer: “Usa-me, Pai, como pareça melhor aos Teus olhos.”»<sup>1</sup>

Entretanto, perante a dificuldade do exercício público da medicina, em Portugal, que lhe exigia o reconhecimento da Faculdade de Medicina, submeteu-se a provas, em Lisboa, em 1839, para conseguir a necessária licença. No ano seguinte, deu início à construção de um hospital, onde atendia, gratuitamente, a população mais pobre da ilha. Seguiu-se uma intensa campanha contra o alcoolismo, fazendo espalhar por toda a ilha vasta informação impressa, que explicava os malefícios do álcool e como combater a dependência. Simultaneamente, deu início a uma campanha de alfabetização, criando escolas domésticas, onde era ministrado o ensino elementar: de dia, para crianças; e, à noite, para adultos. As adesões a esta iniciativa foram de tal forma espectaculares<sup>2</sup> que, em pouco tempo, já havia dezassete escolas com mais de oitocentos alunos. Por elas terão passado mais de dois e quinhentos alunos, entre 1839 e 1845.<sup>3</sup> Não descurando a missionação, sob um bem es-

<sup>1</sup> Michael P. TESTA, *O Apóstolo da Madeira (Dr. Robert Reid Kalley)*, s/l., 1963, Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, p. 28.

<sup>2</sup> Este trabalho foi tão notório que mereceu das entidades oficiais um público louvor, em *Actas da Câmara do Governo Municipal da Cidade do Funchal*, do dia 25 de Maio de 1841, em que o Dr. Kalley era nomeado como «o bom doutor inglês» e o seu trabalho era caracterizado como «esforço filantrópico em favor dos pobres, doentes e analfabetos» (cf. IDEM, *ibidem*, p. 34).

<sup>3</sup> Cf. *ibidem*, pp. 30-31.

quematizado programa pedagógico, muitos alunos estabeleciam os primeiros contactos com as letras através da leitura da Bíblia:

«Em 1839 eram uns poucos que mostravam desejo de ler e ouvir a Palavra de Deus, mas três anos depois, muitos caminhavam durante dez e doze horas e escalavam montanhas de mil metros de altitude à ida e à volta para suas casas; chegando a cinco mil as presenças ao Domingo»<sup>4</sup>.

O êxito do seu trabalho de médico, pedagogo e missionário, granjeou-lhe vastas simpatias por parte de todos a quem dispensava desvelada atenção, verificando-se inúmeras adesões à sua comunidade religiosa. Encetou, então, o trabalho de congregação dos simpatizantes, fidelizando-os à fé reformada, em assembleias muito concorridas e participadas<sup>5</sup>, onde os cânticos e a música desempenhavam um especial papel, com impacte profundo na pequena sociedade insular.

Não tardaram as reacções político-religiosas adversas, por parte dos que se sentiam, subliminarmente, censurados ou postos em causa, devido à precariedade de vida das populações, e, especialmente, a sentida erosão que assolava os fiéis católicos atraídos, cada vez mais, por práticas religiosas mais próximas das suas vidas.

Começaram as ameaças, as perseguições e a propaganda de desacreditação de Kalley, com consentimento e até instigação do Governador e de alguns clérigos, que culminou com o seu encarceramento durante seis meses e a prisão e espancamento de muitos dos seus seguidores<sup>6</sup>. No auge da adversidade, os Kalley viram a sua casa assaltada e os seus pertences atirados à rua e queimados, tendo de se refu-

<sup>4</sup> *Ibidem*, pp. 32-33.

<sup>5</sup> As assembleias culturais organizadas pelo Dr. Kalley seguiam o modelo das igrejas congregacionais. As igrejas deste tipo de organização são autónomas e independentes, e surgiram, em Inglaterra, nos fins do séc. XVI e início do séc. XVII. O nome advém-lhes do seu sistema de governo, essencialmente assente em dois princípios: a) «Cada congregação de fiéis, unida pela adoração, observação dos sacramentos e disciplina cristã, é uma igreja completa, não subordinada na sua administração a qualquer autoridade eclesiásticas senão a da sua própria assembleia.»; b) «tais igrejas locais estão em comunhão umas com as outras e intercomprometidas no cumprimento de todos os deveres resultantes dessa comunhão.» (Cf. Rev. Manoel Bernardino de Santana Filho, in <http://www.anglicanismo.net/ecumenismo001.htm>.)

<sup>6</sup> A prisão do dr. Kalley, ao abrigo de uma lei contra a heresia, de 1603, levou também para a prisão cerca de três dezenas dos seus seguidores, dos quais um chegou a ser degredado para a Angola [José Ferreira Lomelino, e outro, uma mulher, Maria Joaquina Alves, mãe de sete filhos, viu a sua condenação à morte transformada em dois anos e seis meses de prisão. (Cf. Luís Aguiar SANTOS, «A transformação do campo religioso português», in *História Religiosa de Portugal*, coordenação de Manuel Clemente e António Matos Ferreira, 7 vols., s/l, 2000, Círculo de Leitores, III vol., p. 450; e M. TESTA, *ob. cit.*, pp. 43 e 53.)

giar – o Dr. Kalley a bordo de um barco inglês, e a esposa, em casa do cônsul –, e vendo-se forçados a regressar a Inglaterra, assim como a maioria dos habitantes que haviam aderido à Igreja Reformada (cerca de 2000), que foram compelidos à emigração, tendo rumado para as Índias Ocidentais, Estados Unidos e Brasil, onde seriam semente das inúmeras comunidades protestantes que ainda hoje se reúnem e usam o português nas suas celebrações. Depois da hecatombe que se abateu sobre os pioneiros protestantes da Madeira, em 1846, o que restou dessa comunidade desceu ao limbo da clandestinidade, passando a reunir-se em locais afastados, e estudando a Bíblia às escondidas, até ao ano de 1875.<sup>7</sup> Trinta anos depois, porém, e devido a novas condições políticas, foi possível reactivar a missionação protestante na Madeira, pois, até aí, a Igreja da Escócia (ou a Sociedade Missionária de Londres) deixaram de apoiar qualquer iniciativa que afectasse as relações com Portugal e afrontasse a Igreja oficial, ou pusesse em perigo a segurança dos ingleses que viviam na ilha.

De 1846 a 1852, o Dr. Kalley esteve pela Escócia, Inglaterra, ilha de Malta e Palestina, onde lhe faleceu a esposa. Entre 1853 e 1854, passará algum tempo com as comunidades de madeirenses refugiados no Illinois e na ilha da Trindade, onde foi recebido com grandes manifestações de regozijo. Depois destas visitas às «suas» comunidades madeirenses e retemperado pelos testemunhos recebidos de sólidas implantações, em território americano, regressou a Londres.

---

<sup>7</sup> Segundo opinião de alguns historiadores e sociólogos, esta encarnizada perseguição político-religiosa, naquela época, só é explicável devido à instabilidade política e social por que Portugal passava. Durante cerca de dez anos, a que corresponde o período da agitação da Madeira, viveram-se em Portugal momentos de grande turbulência política que oscilaram entre o máximo laxismo institucional, provocado por inúmeras revoltas e golpes militares, e a mais férrea ditadura que caracterizou muitos dos governos de Costa Cabral. A tudo isto há que acrescentar a evolução por que passaram, também, as relações da Igreja Católica com o Estado que variaram entre a popular contestação até à aproximação da Igreja e do Liberalismo, celebrado com o reatamento das relações diplomáticas entre Lisboa e a Santa Sé, em 1841-42, de que resultou a retoma do poder eclesiástico e o acerbar de posições das suas alas mais reaccionárias e comprometidas politicamente, para quem a harmonia e a unicidade nacional exigia uma única religião para um único reino. Por parte da Grã-Bretanha, também não se pode desvalorizar o efeito do relacionamento um pouco afectado entre a Igreja oficial (o Anglicanismo) e a Igreja Livre da Escócia (tida por dissidente do Presbiterianismo oficial escocês) a que pertencia o Dr. Kalley, e que talvez explique o tardio apoio que este recebeu, além das políticas conciliatórias que sempre foram oficialmente defendidas. (Cf. Luís Aguiar SANTOS, «A transformação do campo religioso português», in *História Religiosa de Portugal*, Carlos Moreira AZEVEDO (dir.), 7 vols., s/l, 2000,

Apesar de todo o sofrimento por que passou em território português, o seu coração jamais pareceu tocado por qualquer compreensível animosidade para com os Portugueses, como se pode perceber pela carta dirigida aos madeirenses de Illinois, em janeiro de 1855, em que dá conta da sua entusiástica intenção de embarcar para o Brasil<sup>8</sup> e dedicar-se à difusão do Evangelho no seio de comunidades de língua portuguesa:

«Rogai a Deus que me abra o caminho para o lugar onde Ele deseje os meus serviços. Alimento a esperança de que possa ser entre Portugueses, onde não há Bíblias nem pregadores do Evangelho; e se for este o caso, talvez alguns de vós sintam grande alegria na oração e serviço a fim de que a Verdade de Deus seja conhecida entre aqueles que falam a vossa língua.»<sup>9</sup>

### **O Brasil: outra realidade com alguns dos mesmos problemas**

Em 10 de maio de 1855, o Dr. Kalley desembarcou no Rio. Três meses após a chegada, com a sua segunda esposa, fundaram ali uma pequena comunidade com Escola Dominical, que reuniu, oficialmente, pela primeira vez, em 19 de agosto, inaugurando a primeira classe bíblica para os portugueses do Rio de Janeiro. Esta comunidade será o embrião da futura Igreja Evangélica Fluminense, «igreja-mãe do Congregacionalismo no Brasil e Portugal Continental»<sup>10</sup>.

Vamos, aqui, dar um pequeno salto na cronologia, de forma a seguirmos os passos do missionário Kalley, a partir de um acontecimento determinante, de grande valor e significado, para a sua missão no Brasil. No momento a que nos reportamos agora, ele está no Rio de Janeiro, sob o efeito de mais uma afrontosa intimidação: uma ordem de despejo.

Está com 51 anos de idade (chegara com 46), e dá já mostras de algum cansaço, não quanto aos seus propósitos apostólicos, mas quanto ao trato com os

---

Círculo de Leitores, III vol., p. 450-451; *História de Portugal em Datas*, António Simões RODRIGUES (coord.), s/l, 1994, Círculo de Leitores, pp. 332-342.)

<sup>8</sup> Segundo consta, a sua paixão pelo Brasil foi-lhe suscitada pela leitura que fez, quando passou pelos Estados Unidos, do livro *Reminiscências de Viagens e Permanências nas Províncias do Sul e Norte do Brasil*, do Rev. Daniel P. Kidder, publicado em 1845. (Cf. Rev. Manoel Bernardino de Santana, in <http://www.angli-canismo.net/ecumenismo001.htm>.)

<sup>9</sup> Michael P. TESTA, *ob. cit.*, pp. 92-93.

homens. Reflete, intimamente, sobre a razoabilidade de viver sob tanta intolerância. Apesar de ainda relativamente novo, conta já com 22 anos de missão!

Mas, naquele 28 de fevereiro de 1860, alguém bate à sua porta, solicitando-lhe a gentileza do acolhimento de uma importante visita e, inesperadamente, Robert Reid Kalley viu-se frente a frente com a figura do próprio Imperador do Brasil: D. Pedro II em pessoa!...

Correu veloz a notícia, nos meios sociais e eclesiásticos, e, logo o acontecimento foi interpretado pelos seus detratores, como uma exigência oficial para a sua retirada imediata do Brasil. Bastaria apenas um pouco de bom senso para que não se ajuizasse de forma tão precipitada, pois que obviamente a pessoa do Imperador jamais se prestaria ao desempenho de uma função policial, e muito menos a ser agente de um despejo.

Aos ouvidos de Dom Pedro II chegara já muito do ruído que envolvia a questão religiosa, inclusive o movimento da ala liberal dos deputados que pugnavam pela separação do Estado e da Religião, de forma a libertar da carga nefasta de toda a simbólica colonial a imagem do Brasil recém-autonomizado. Apesar da autonomia política e da disseminação das novas correntes de pensamento liberto – que incluíam os maçônicos e os seguidores do Positivismo de Comte –, a religião tradicional prevalecia ainda com envolvimento muito forte. Aos ouvidos do Imperador terá também chegado conhecimento do que se dizia do Dr. Kalley e do ambiente de suspeição que se espalhou, logo que se soube da forma conturbada como terminaram os oito anos da Madeira donde fugira, assim como de alguns confrontos que as suas atitudes teriam originado na passagem pela ilha da Trindade.

A par e para além destas questões, o muito apreço que a figura deste médico missionário escocês suscitara ao Imperador, assim como a sua capacidade de organização e empenhamento, tê-lo-á levado a aliviar-lhe um pouco a pressão em que sabia que ele vivia e ao mesmo tempo pretendia sossegá-lo e acabar com os permanentes rumores que corriam acerca dele. O pretexto da visita a sua casa

---

<sup>10</sup> IDEM, *ibidem*, p. 94.

prendia-se, então, com o convite presencial para que se deslocasse ao Palácio de Verão, para ali dar uma conferência sobre a Terra Santa e seus lugares de peregrinação, que supostamente conheceria bem.

É evidente, que tudo isto veio dar um novo fôlego de esperança a Kalley que, de repente, se viu muito solicitado, pela pública imagem de proximidade ao Imperador, e de uma forma especialmente notada, pelos irmãos de confissão religiosa reformada que, até aí se tinham mostrado arredios e pouco solidários, evitando qualquer identificação que, socialmente, os pudesse prejudicar.

Os problemas de fundo, porém, aqueles que se relacionavam com a interpretação da Constituição brasileira, no que tocava à liberdade de culto, prevaleciam e extremavam-se as posições dos seus intérpretes, o que, por arrasto, afectava muito o trabalho de Kalley. Alguns sectores defendiam que o protestantismo era religião de estrangeiros e de língua estrangeira, e, por isso, a sua prática deveria ser remetida para a intimidade da casa dos seus praticantes. Mas a língua portuguesa não era estrangeira e muitos dos fiéis da igreja eram portugueses, e eles, sim, estrangeiros, mas que tinham todo o direito de celebrar o culto na sua língua. Como se percebe, este era o terreno em que se debatiam os políticos ultramontanos e os liberais, com as consequências que se adivinham, a que devemos acrescentar a má vontade de muitos deles, movidos por sentimentos de lastração xenófoba, antiportuguesa (pelas reminiscências coloniais) e antibritânica (pelos resquícios deixados pelo bloqueio marítimo inglês à costa brasileira, em tempos idos), já não falando da influência da clerezia «oficial» que se encontrava disseminada por todo o tecido social.

Sabe-se que a forma de Kalley olhar os políticos era o da desconfiança, pois sempre se mostravam conciliadores e afáveis para com os protestantes, quando necessitavam do seu apoio, mas logo mudavam para o campo oposto, quando alcançavam as suas pretensões. Kalley não os poupava por essa hipocrisia, e eles trataram de lhe dificultar a vida sempre que podiam. Em 1859, surgiu um forte pretexto, quando se espalhou a notícia da conversão ao Protestantismo de duas senhoras

da aristocracia brasileira que frequentavam a casa do médico escocês. Moveram-se, então, as influências necessárias – incluindo as diplomáticas do Vaticano – que forçaram o agente consular britânico a pedir satisfações ao missionário sobre o sucedido.

As extensas explicações de Kalley rebatiam as acusações, principalmente nos aspectos que se relacionavam com a conversão das duas senhoras, pois elas apareciam em sua casa em companhia de outras pessoas e haviam-se convertido ao Protestantismo pela acção de um português que, em tempos lhes havia vendido duas Bíblias, assunto este a que Kalley era estranho; a sua comunidade não tinha nenhum brasileiro convertido, pois eram todos estrangeiros; e os conselhos que dava aos seus doentes eram de consolo espiritual e não de proselitismo, pois ele nunca havia feito sequer um único sermão em local público, no Brasil. Todas estas explicações, acompanhadas da opinião legal de três notáveis juriconsultos brasileiros, foram encaminhadas pelo agente diplomático às autoridades da Província do Rio, e pareceram-lhes suficientemente legítimas e razoáveis pelo que deram o assunto por encerrado.

É neste momento que surge a visita do Imperador a casa do nosso intrépido missionário. Os tempos que se seguiram até ao regresso dos Kalley à Grã-Bretanha, em 1876, foram entremeados de períodos de acalmia com períodos de perseguição e violência religiosa, e os protestantes, por simples obra e circunstância histórica, viam-se sempre envolvidos nas lutas sociais que giravam à volta do grande tema constitucional do Brasil que era o da conciliação da tolerância religiosa com a absoluta necessidade de importar colonos para o seu povoamento<sup>11</sup>, principalmente dos países de confissão protestante. Os jornais digladiavam-se, conforme as suas tendências, na defesa da legalidade que proibia as «reuniões ilícitas» e a propaganda religiosa diferente da oficial – e os cultos protestantes eram assim considerados – e os que achavam que os novos tempos do desenvolvimento que se queria não podi-

---

<sup>11</sup> Com a abolição da escravatura, no princípio da década de 1850, a necessidade de acolher imigrantes transformou-se numa das prioridades governativas de todos os políticos brasileiros.

am pactuar com esses constrangimentos e limitações que cheiravam a medievalidade.

O resultado deste extremar de posições era, normalmente, a violência de ambos os lados, ora atingindo os protestantes (como sucedeu nos motins de Niterói, em 1864, em que Kalley quase perdeu a vida), ora atingindo os católicos (por exemplo, contra Dom Cardoso Aires, em 1869, e, contra os Jesuítas, em Pernambuco, em 1873).

Em 1876, os Kalley regressaram à Grã-Bretanha e deixavam um Brasil de 21 anos de intensas lutas políticas e sociais, mas também muito trabalho na assistência médica, no ensino, na missionação cristã, desenvolvido com dedicação e grande espírito de solidariedade humana. Por todo o Brasil, ficaram inúmeras amizades, cimentadas na adversidade, algumas delas com origem nos pioneiros e difíceis tempos da Madeira e que para ali haviam sido transplantadas, ali germinaram, floresceram e deram frutos abundantes, muitas vezes com efeitos de retorno a Portugal. No Brasil ficaram também as frutuosas sementes de milhares de Bíblias, distribuídas pelos seus colportores, num trabalho profundo, e as igrejas de Niterói e Pernambuco que, juntamente com a Igreja Evangélica Fluminense, «com todas as suas missões largamente disseminadas, foram os elementos que deram origem às Igrejas Congregacionais do Brasil. E outras congregações surgiram igualmente do trabalho missionário do Dr. Kalley, cuja responsabilidade ele colocou noutras mãos»<sup>12</sup>, como por exemplo da igreja no Recife.

A História dos povos está pejada de singularidades. Encontramo-las como faróis, como referências orientadoras que legitimam origens e animam anseios. É da natureza das coisas e é da nossa condição procurarmos esses baluartes que nos surgem como inexpugnáveis em que nos apoiamos para firmarmos as nossas esperanças. Esta constatação só surpreende pela sua transversalidade. Pois, em todos os domínios em que a actividade humana se manifesta, aí, há sempre um espaço «sacralizado», com luz própria, reservado a «essa» singularidade orientadora.

---

<sup>12</sup> Cf. Michael P. TESTA, *ob. cit.*, p. 100.

O domínio da religião não só não escapa a este determinismo, como se eleva, com primazia, a espaço de eleição onde «habita ou se manifesta» a Singularidade primeira, o Transcendente.

A partir deste lugar de primazia, o homem, especulativamente, engendra transferências em que assenta outras singularidades à sua semelhança. Podem ser ideais, filosofias, pessoas ou instituições.

Através das linhas que aqui trazemos foi nossa intenção sublinharmos o papel de uma dessas singularidades – a de um líder, de um missionário que foi o «irmão» Robert Kalley. Esforçámo-nos por tomarmos como nossos os desejos do Dr. Kalley e dos seus seguidores, assim como as dificuldades, as contrariedades e as más-vontades, de forma a melhor avaliarmos o esforço de persistência e superação assim como o de confiança não nas próprias forças, mas mais no espírito de entrega e de doação. Consideramo-nos gratificados pelo testemunho desse farol apostólico que subiu, por opção encarnada, os *calvários* da Madeira e da América, deixando rastos de luz cristã que perduram. Consideramo-nos, igualmente, gratificados pelos contributos que o estudo destas comunidades, com as suas diversidades e múltiplas convivências, nos facultaram para entendermos a diferença que existe entre unidade e uniformidade.

Colhemos, finalmente, o ensinamento do valor da tolerância e do humanismo e da sua indispensável conformidade com os ideais de progresso e de harmonia para a vida dos homens e para realização das pessoas.